

**A RETOMADA DO PASSADO: ESTUDOS FRANCESES SOBRE O ARCO DE
ORANGE NO SÉCULO XIX**

Mayra Silva dos Santos

Resumo

Considerado ainda, um grande enigma da história, o Arco do Triunfo de Orange é alvo de uma discussão na historiografia desde que foi restaurado por Auguste Caristie entre os anos de 1829 a 1856. O arco em questão, foi construído no território da Colonia Julia Firma Secundanorum Arausio, local fundado pela Segunda Legião Gaulesa, localizado na província imperial romana “Gália Narbonense”. Cariste, arquiteto ganhador da bolsa “Prix de Roma”, entretanto, encontrou o Arco em uma fortaleza medieval e optou por preservar o monumento em sua forma romana, original, escolhendo assim, a história de um passado romano acima de um passado medieval, deste modo, o presente trabalho, procura compreender a escolha a partir do momento histórico de sua restauração. Entre as principais incógnitas do Arco de Orange, encontra-se o problema da datação e da iconografia, melhor dizendo, do conteúdo a que ela se refere. Aqui, realiza-se uma análise de seis historiadores franceses distintos (Charles Lenormant, Jean De Witte, Edouard Bondurand, Salomon Reinach, Jules Formigé e Pierre Gros) que produziram suas pesquisas (datadas respectivamente em 1857, 1887, 1897, 1909, 1950 e 1998) em torno do arco, entre os séculos XIX e XX. A presente pesquisa se baseia em dois pontos: 1) um estudo quanto às contribuições destes autores para/com o estudo do arco; 2) análise sobre as influências nacionalistas presentes nos textos e a mudança do discurso durante os anos.

Introdução

Considerado ainda um grande enigma da história, o Arco do Triunfo de Orange é alvo de uma discussão na historiografia desde que foi restaurado por Auguste Caristie durante os anos de 1829 a 1856. Entre as principais incógnitas sobre o arco, encontra-se o problema da datação e da iconografia, melhor dizendo, do conteúdo a que ela se refere.

Faz-se necessário considerar que o arco chamou a atenção de Caristie por ter sido encontrado em meio à uma antiga fortaleza medieval, daí a necessidade da restaurá-lo, e que, embora o arquiteto tenha feito um excelente trabalho, como os autores costumam mencionar, o monumento não foi preservado na sua forma original e algumas das informações podem ter sido perdidas pelas tantas apropriações posteriores que serão mencionadas mais a frente.

L'Arc de Triomphe d'Orange, no francês, foi construído no território da *Colonia Julia Firma Secundanorum Arausio*, local fundado pela Segunda Legião Gaulesa, localizado na província imperial romana “Gália Narbonense”.

Orange (Arausio) Cidade romana fundada em 35 a.C. por Octavian como colônia, *Colonia Julia Firma Secundanorum Arausio*; a colônia foi colocada estrategicamente na colina de Saint-Eutrope, há 5 km do rio Rhône, que anteriormente serviu para a confederação gaulesa dos Cavares. (GRUMMONDI, 1996, p. 88)¹.

O Arco Triunfal em questão possui uma estrutura de 19,21 metros de altura com três arcos, sendo que central é o maior, essa estrutura é repetida em outros arcos romanos, como o de Constantino. Conforme o historiador e arqueólogo francês Salomon Reinach escreve em 1909, os frisos do arco de Orange estão entre as obras mais importantes e menos conhecidas da arquitetura greco-romana².

O Nacionalismo Francês e a sua influência para a escrita sobre o Arco de Orange

Como se sabe, a questão nacionalista estava presente no cotidiano francês do século XIX. Serão divididas aqui as fontes trabalhadas em três fases, uma das fontes do século XIX; a seguinte do início do século XX; a terceira fase das fontes pós Segunda Guerra Mundial.

¹ “Orange (Arausio) “Roman city founded ca. 35 B.C. by Octavian as a colony, *Colonia Julia Firma Secundanorum Arausio*; the colony was strategically placed on the hill of Saint-Eutrope, ca. 5km east of the Rhône River, which had earlier served for the Gallic confederation of the Cavares.” GRUMMOND, p. 88. / Todas as traduções aqui apresentadas foram realizadas pela autora da presente monografia.

² “Les deux grandes frises de l’arc d’Orange, représentant des combats entre Romains et Gaulois, sont parmi les oeuvres les plus importantes et les moins connues de la sculpture gréco-romaine.” REINACH, Salomon. *La date de l’arc d’Orange*. Comptes rendus des séances de l’Académie des Inscriptions et Belles-Lettres, Paris, v. 53, n. 7, p. 513-518, jan. 1909. Disponível em: <www.persee.fr/doc/crai_0065-0536_1909_num_53_7_72531>. Acesso em: 02 jan. 2018. p. 515.

A opção de trabalhar com autores exclusivamente franceses não foi em vão, aqui se busca compreender o papel do nacionalismo francês na historiografia sobre o Arco de Orange, como já dito anteriormente. Tendo isso em mente, torna-se necessário entender a arqueologia francesa do século XIX, relacionando assim, com os autores em questão.

É no fim do século XVIII, com o advento da Revolução Francesa, que surge uma nova interpretação do termo Nação. Porém, é no século XIX que se coloca o termo no cotidiano, estando presente nas mais variadas formas de discurso. Os ideais difundidos pela Revolução Francesa de “Liberdade, Igualdade e Fraternidade” marcados pelo iluminismo, que viriam como críticas ao Antigo Regime, mostravam a busca pela igualdade e pela fraternidade, que mais a frente seria traduzido pela identidade nacional. Laurent Olivier em seu ensaio “As origens da arqueologia francesa”, afirma que “*A Revolução Francesa, em seguida os ideólogos do século XIX, tentam encontrar uma resposta para estes problemas, impondo a ideia segundo a qual a Nação identifica-se com a sociedade em sua totalidade*” (1997, p. 46).

De acordo com Norberto L. Guarinello (2003, p. 55), foi a partir do século XIX que os historiadores começaram a produzir história com a intenção de extrair das fontes documentais a sociedade e a cultura que as haviam produzido. Neste sentido, se via a necessidade de provar historicamente o papel dos ancestrais da Nação, na história mundial. Olivier ainda declara que “*Existe eventualmente uma herança étnica legada pelos francos e seus descendentes, mas, mais importante que a herança étnica está a herança cultural; desse ponto de vista, a Nação é herdeira da legitimidade da Gália das origens e do grandioso Império romano*” (1997, p.47).

Esta necessidade de compreender o passado para legitimar o lugar da Nação na história é presente nas fontes aqui trabalhadas. Assim como a análise das fontes na questão do arco de Orange, aqui serão apresentados os autores em ordem cronológica, tendo em vista as fases supramencionadas.

Charles Lenormant em vários momentos mostra-se homem de seu tempo, trazendo para o texto várias menções de que estaria contribuindo para a história nacional. O autor começa de forma simplória, porém, mostrando qual o motivo de escolher o arco como objeto de seu estudo, quando se refere à utilização das moedas por De Lagoy para compreender as armas detalhadas no arco, o autor utiliza “*o aspecto das armas usadas por nossos ancestrais*” (1857, p. 234), ou ainda quando descreve as vestes: “*porque estas vestes de*

³ “*l’aspect des armes dont nos ancêtres faisaient usage*”. LENORMANT. 1857 p. 234.

*nossos pais eram comuns a eles*⁴” (1857, p.236), ao utilizar “nossos ancestrais” e “nossos pais” o autor mostra a proximidade que tem em relação ao objeto estudado. Todavia, o exemplo que mais se destaca no discurso de Lenormant é sua conclusão, na qual afirma: “*O arco de Orange nos fala imediatamente dos gauleses, romanos e gregos; é um monumento inteiramente nacional, e estou feliz por ter restaurado esse personagem*⁵” (1857, p. 249). Neste trecho, pode-se relacionar o discurso de Lenormant no viés nacionalista do século XIX, quando o autor retrata que o monumento é inteiramente nacional, ele remete não apenas à glória do Império Romano, como também à um monumento que trazia em si a relação entre todos seus ancestrais, sejam eles romanos, gregos ou gauleses.

Os líderes da revolta gaulesa, que aconteceu sobre o governo de Tibério, foram Júlio Florus e Júlio Sacrovir, e na face sul do arco de Orange, em meio à um grande acúmulo de armas, revela-se um escudo com o nome de Sacrovir. Séguier, um famoso antiquário, trouxe esse nome ao século XVIII, em meio de seus documentos, encontra-se a seguinte indicação: Para Orange, nos escudos que estão no arco do triunfo. M. Caristie, por sua vez, coletou em seus desenhos; foi a vista deste nome gravado em uma das placas de seu trabalho que deixei de considerar a explicação do monumento como um enigma insolúvel, e no ano passado não foi difícil encontrar: SACROVIR, no lugar indicado. [...] Embora pareça estranho que até agora não tenhamos feito uso deste testemunho, é, na minha opinião, decisivo, e agora pode ser posto como um fato que o arco de Orange foi levantado em memória da derrota de Julio Florus e Júlio Sacrovir (LENORMANT, 1857, p. 238-239)⁶.

De Witte (1887) por outro lado, quando escreveu seu artigo, passava por um momento em que a história estava se institucionalizando, devido a isso, não é possível localizar propriamente em seu discurso elementos que remetem a ideia de nacionalismo, como é

⁴ “*parce que ces habillements de nos pères leus étaient communs*”. LENORMANT. 1857 p. 236.

⁵ “*L’Arc d’Orange nous parle à la fois des Gaulois, des Romains et des Grecs; c’est un monument tout à fait national, et je m’estime heureux de lui avoir rendu ce caractère*”. LENORMANT, 1857 p. 249.

⁶ “*Les chefs de la révolte des Gaulois, qui eut lieu sous Tibère, étaient Julius Florus, de Trèves, et Julius Sacrovir, d’Autun; et l’arc d’Orange, sur sa face méridionale, à droite en venant de la ville, au bas de l’accumulation d’armes, et tout contre la grande arcade, nous montre sur un bouclier le nom de Sacrovir. Séguier, célèbre antiquaire, releva ce nom au dix-huitième siècle; nous le trouvons dans ses papiers, avec cette indication: A Orange, sur les boucliers qui sont à l’arc de triomphe. M. Caristie, à son tour, l’a recueilli dans ses dessins; c’est à la vue de ce nom gravé sur une des planches de son ouvrage que je cessai de considérer l’explication du monument comme une énigme insoluble, et l’an dernier, je n’ai eu besoin ni d’échelles, ni de lunette pour lire très-distinctement: SACROVIR, à la place indiquée. [...] Bien qu’il semble singulier qu’on jusqu’ici tiré aucun parti de ce témoignage, il est, selon moi, décisif, et l’on peut dès à présent poser comme un fait avéré que l’arc d’Orange fut élevé en mémoire de la défaite de Julius Florus et de Julius Sacrovir*”. LENORMANT, 1857 p. 238-239.

possível destacar em outros autores como Charles Lenormant. Todavia, a escolha do objeto Arco do Triunfo de Orange e a constante procura pelo tema ao que ele se refere é certamente algo que carrega em si a necessidade de compreender o papel deste monumento na história, determinando-o como símbolo do povo francês.

Os marseheses eram fiéis ao povo romano, como já dissemos. César, para seu triunfo sob os gauleses, mandou levar a estátua da cidade de Marselha; esta traição feita aos aliados de Roma excitou a indignação de Cícero que, em duas passagens, escreve que os romanos nunca teriam triunfado sobre as nações transalpinas sem a ajuda dos cidadãos de Marselha⁷ (1887, p.132-133).

Voltando agora para a pesquisa de Edouard Bondurand (1897), pode-se perceber a presença da valorização da história nacional em seu discurso. O autor trabalha com as inscrições no arco. O autor nos informa que *“a inscrição do arco do triunfo de Orange foi uma das mais importantes para a nossa história nacional”*⁸ (1897, p. 13). Ao se referir à “nossa história nacional” expõe quais seus objetivos quanto à fonte escolhida, a inscrição à qual se refere é a dedicatória à Tibério. Segundo sua análise, o arco foi construído em homenagem à Tibério por sua vitória na revolta de Florus e Sacrovir, aqui percebe-se que o autor declara a importância do Império Romano, principalmente por ser um monumento em homenagem ao Imperador Tibério localizado no interior de seu império, demonstrando a importância da Gália para Roma, assim provando a relevância do território atualmente francês na História Antiga.

Foi de fato de Tibério, como foi mostrado pela palavra Sacrovir, gravada em um escudo gaulês da face sul. O ano 21 d.C. foi marcado por uma revolta dos gauleses, levantada pelo chefe Sacrovir e por Florus, a qual foi esmagada pelos generais de Tibério e é, entre outras, esta vitória que o Arco de Orange memora⁹ (1897, p. 11).

Pode-se relacionar estes autores pelo fato de que as fontes históricas com as quais eles dialogam são todas de origem francesa, ponto este que pode ser explicado por Hobsbawm em Nações e Nacionalismo desde 1780, que destaca a importância da linguística para a unificação

⁷ *“Les Massaliètes étaient les fidèles alliés du peuple romain, comme nous l’avons déjà dit. César, à son triomphe sur les Gaulois, fit porter la statue de la ville de Massalia; cet outrage fait aux alliés de Rome excita l’indignation de Cicéron qui, dans deux passages, s’écrie que jamais les Romains n’avaient triomphé des nations transalpines sans le secours des citoyens de Massalia”*. DE WITTE, 1887. p. 132-133.

⁸ *“On le voit, l’inscription de l’arc de triomphe d’Orange s’annonçait comme une des plus importantes pour notre histoire nationale”*. BONDURAND, 1897 p. 13.

⁹ *“C’était bien en effet de Tibère qu’il s’agissait, comme le démontrait d’ailleurs le mot Sacrovir, gravé sur un des boucliers gaulois de la face méridionale. L’an 21 de Jésus Christ une révolte des Gaulois, soulevés par le chef éduen Sacrovir et par le trévire Florus, fut écrasée par les généraux de Tibère, et c’est, entre autres, cette victoire que l’arc d’Orange rappelle”*. BONDURAND, 1897 p. 11.

nacional. A escolha do tema destes autores são todas para a conservação de uma história nacional que estava sendo construída, embora cada um tenha sua especificidade.

A segunda fase é marcada pela transição deste nacionalismo e de uma escrita da história que seria modificada na década de 1930. Salomon Reinach, ao contrário dos autores anteriores já diversifica suas fontes, utilizando-se das anotações presentes em um livro de Salmos para iniciar sua pesquisa. Um ponto a se destacar na pesquisa de Reinach é o fato de que afirma que a memória de César ainda está viva, como se sabe, durante o século XIX a memória de César foi retomada várias vezes. Napoleão Bonaparte era considerado como herdeiro de César, seu filho foi nomeado herdeiro de Roma. Embora não esteja explicitamente presente o nacionalismo em seu discurso, pode-se perceber resquícios dele. Outro ponto a se considerar é a parte que já foi mencionada anteriormente, a qual o autor diz ser o último historiador a trabalhar o tema e que o mistério do arco foi finalmente solucionado. Aqui o autor se põe como aquele que contribuiu com a história nacional. O ponto que o autor quer chegar aqui, para justificar não só a construção do arco, mas a apropriação do mesmo por Tibério é que: o arco foi construído por Augusto em memória aos feitos de Júlio César e da elevação de Arausio em colônia, seguindo nesta lógica, faria sentido se Tibério colocasse seu nome em um monumento que foi construído em homenagem à seus ancestrais.

Assim, se o pai de Tibério levantou o arco de Orange em memória às vitórias de César em Marselha e do estabelecimento dos colonos romanos nesta cidade, é fácil entender que o filho deste general, torna-se imperador e vencedor, por sua vez, de uma rebelião parcial da Gália tinha seu nome inscrito no arco erguido por seu pai para a glória de seu tio-avô e predecessor¹⁰ (REINACH, 1909, p. 516).

Por fim, a terceira fase, marcada pela mudança na forma de se escrever história, a fundação da Escolas nos Annales na França em 1929 trouxe um novo modo de se fazer história:

Em nome da história total, uma nova geração de historiadores conhecida como École des Annales, passou a questionar a hegemonia da história política, imputando-lhe um número infundável de defeitos - era uma história elitista, anedótica, individualista, factual, subjetiva, psicologizante (FERREIRA, 2000, p.116).

¹⁰ “*Si done le père de Tibère a fait élever l’arc d’Orange, en mémoire des victoires de César sur les Marseillais et de l’établissement de colons romains dans cette ville, on conçoit aisément que le fils de ce général, devenu empereur et vainqueur à son tour d’une rébellion partielle de Gaule, ait fait inscrire son nom sur l’arc élevé par son père à la gloire de son grand-oncle et prédécesseur*”. REINACH, 1909, p. 516.

Com isso, pode-se analisar a influência desta mudança na historiografia sobre o Arco de Orange. O texto de Jules Formigé não é um texto sobre o Arco do Triunfo propriamente dito, ele analisa e destaca pontos que ainda não foram tratados pela historiografia, distanciando-se da questão da datação que foi tão constantemente discutida anteriormente. Ele se preocupa em analisar a arquitetura por si só ou elementos que não tiveram a devida importância de estudo, como a presença da mulher na lateral do arco. Aqui percebe-se a mudança da escrita da história, se distanciando do nacionalismo, da importância da identificação do monumento nacional, retornando ao objeto como fonte cabível de tantos outros estudos.

Pierre Gros (1986), o último autor aqui estudado mantém sua pesquisa voltada à datação do arco, porém a realiza de forma diferente dos autores das outras fases apresentadas. Primeiramente, o autor dialoga com autores de diversos outros países, não necessariamente da historiografia francesa, após ter exposto suas fontes, o autor chega a conclusão de que o arco não foi construído para homenagear o imperador, muito pelo contrário, foi construído em homenagem à um general, alguém inferior que contribuiu diretamente para aquela região, após anos de sua morte, o arco foi dedicado à Tibério pela questão do respeito à sua posição de poder.

Um argumento que o autor levanta, que até então nunca havia sido mencionado, seria a relação Arausio e Germânico, pelo intermédio da Segunda Legião de Augusto. A morte de Germânico, em 19 de outubro, afetou diretamente a colônia de Orange, cuja população estava diretamente ligada, uma vez que havia sido liderada pelo general nas mais difíceis e gloriosas campanhas.

Existe, portanto, a suspeita do arco ter sido construído em homenagem a Germânico, o qual foi criado em Orange, além disso, como o próprio autor menciona: “*a Gália é uma das províncias na qual Germânico restaurou a situação*”¹¹ (1987, p. 197). Seguindo ainda nesta linha de pensamento, o autor faz a ligação ao arco supostamente dedicado a Germânico e a inscrição de Tibério:

Nossa hipótese fornece uma explicação concreta desse gesto bastante incomum: a frase significaria, em substância, se pensarmos no caráter ostensivamente triunfal da iconografia do arco, que as vitórias de Germanicus foram ganhas sob sua orientação,

¹¹ “[...] *la Gaule fait partie des provinces dont Germanicus a rétabli la situation*”. GROS, p. 197.

certamente, mas sob os auspícios de Tibério, e, portanto, toda a honra é devida a ele, de acordo com a nova ortodoxia, que não será mais negada¹² (1986, p.200).

Em suma, a hipótese levantada por Pierre Gros seria a de que o arco havia sido construído como um monumento da glória de Germânico nos anos subseqüente à sua morte, em 19 d.C., e depois disso, teria sido devolvido à Tibério.

Pode-se perceber a mudança de discurso entre os cinco autores aqui trabalhados, o nacionalismo como ideologia afetava diretamente a escrita da história destes pesquisadores, com o nacionalismo de lado, foram apresentados novos modos de historiografia, sob influência direta da Escola dos Annales, os quais demonstraram novos meios de se compreender o passado.

Conclusão

Não há como negar que o nacionalismo foi um movimento que marcou completamente a sociedade pós-Revolução Francesa, como visto, não há como ligar o mesmo com apenas uma esfera da sociedade, deve ser visto como um fenômeno político, econômico, social. A França pode ser vista notoriamente como exemplo deste nacionalismo.

Em se tratando da historiografia, a mesma é influenciada por este contexto. A invenção da arqueologia francesa é datada neste período, e não poderia ser o contrário, a necessidade da formação de uma história nacional que valorizava o país e a nação ao longo dos anos fez com que se buscasse compulsoriamente o papel da mesma na história. Não à toa Napoleão redecoraria toda Paris com temas neoclássicos no começo do século XIX.

Portanto, a escolha do Arco de Orange como objeto de estudo dos autores do século XIX (Charles Lenormant, Jean De Witte, Edouard Bondurand) aqui trabalhados foi afetada por este sentimento, uma vez que em vários momentos é destacada a importância do estudo

¹² “Notre hypothèse fournit une explication concrète de ce geste assez insolite: la phrase signifierait, en substance, si l’on songe au caractère ostensiblement triomphal de l’iconographie de l’arc, que les victoires de Germanicus ont été remportées sous sa conduite, certes, mais sous les auspices de Tibère, et que donc tout l’honneur en revient à ce dernier, conformément à la nouvelle orthodoxie, qui ne se démentira plus”. GROS, p. 200.

para a história nacional. Percebe-se também a importância em relação ao tema e à datação do arco, além da insistência de se colocar o arco como homenagem à um imperador (Tibério) e seu tema voltado ao combate de gauleses e romanos, tratando os dois povos como antepassados da nação francesa.

Percebe-se a transição do discurso nacionalista, em especial nos autores pós-Segunda Guerra, que não tinham como objetivo provar a veracidade da inscrição de Tibério, Jules Formigé levanta questões ainda pouco trabalhadas pela historiografia. Pierre Gros coloca Germânico como homenageado do Arco, compreendendo o significado da construção de um arco do general para a Colonia Arausio, além do fato de que o autor utiliza fontes não francesas para sua afirmação, ao contrário dos autores do século anterior.

Bibliografia

BELTRÃO, Claudia; DAVIDSON, Jorge. *História antiga*. 1 ed. Rio de Janeiro: Fundação CECIERJ, 2009.

BENJAMIN, Walter. *Teses sobre o Conceito da História*. IN: BENJAMIN, Walter. *Obras Escolhidas V. 1. Magia e Técnica, Arte e Política. Ensaio sobre Literatura e História da Cultura* São Paulo: Brasiliense, 1987.

BONDURAND, Édouard. *L'Arc de triomphe d'Orange et son inscription*. Mémoires de l'Académie de Nimes, Nimes, v. 1, n. 1, p. 1-17, jan./jun. 1897. Disponível em: <<http://bibnum.enc.sorbonne.fr/omeka/files/original/19ff6b5eef7660533b099acb282b425b.pdf>>. Acesso em: 02 dez. 2017.

CAMPOS, Rafael da Costa. *A Caracterização de Tibério César Augusto como personagem política nos Anais de Tácito*. *Mare Nostrum* (São Paulo), v. 1, n. 1, p. 11-25, 2010.

_____. *Tácito e o imperador Tibério César Augusto: Um exame de sua narrativa histórica e de suas técnicas de composição literária*. *Revista de Teoria da História*, v. 13, n. 1, p. 110-124.

_____. *O falecimento de Augusto, a transmissão dos poderes e o assassinato de Agripa Póstumo: considerações sobre o processo de transição política durante o início do Principado de Tibério (14-37 dC)*. Mneme-Revista de Humanidades, v. 12, n. 30, 2011.

CELLA, Giovane Vasconcellos. *Os Gauleses de César: a etnografia e a virtus no Bello Gallico*. Mare Nostrum (São Paulo), São Paulo, v. 6, n. 6, p. 21-35, dec. 2015. ISSN 2177-4218.

DE WITTE, Jean. *L'Arc de Triomphe d'Orange*. Revue Archéologique, Paris, v. 10, n. 1, p. 129-137, jan. 1887. Disponível em: <www.jstor.org/stable/41728457>. Acesso em: 02 dez. 2017.

FERREIRA, Marieta De Moraes. *História do tempo presente: desafios*. Cultura Vozes, Petrópolis, v. 94, n. 3, p. 111-124, mai./jun. 2000.

FORMIGÉ, M. Jules. *L'arc d'Orange*. Bulletin de la Société Nationale des Antiquaires de France, Paris, v. 1, n. 1, p. 264-267, jan. 1950. Disponível em: <www.persee.fr/doc/bsnaf_0081-1181_1950_num_1945_1_4333>. Acesso em: 02 dez. 2017.

FUNARI, Pedro Paulo. *A Renovação da História Antiga*. In: *História Na Sala De Aula*. 5 ed. São Paulo, SP: Contexto, 2008, p.95-107;

GALLICA. *Orange, arc de triomphe*. Disponível em: <<http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/btv1b69269968?rk=64378;0>>. Acesso em: 17 mai. 2018.

GOLDSWORTHY, Adrian. *Em nome de Roma: Os conquistadores que formaram o Império Romano*. 1 ed. São Paulo: Planeta do Brasil, 2016. 559 p.

GROS, Pierre. *Une hypothèse sur l'arc d'Orange*. Gallia, Paris, v. 44, n. 2, p. 191-201, jan. 1986. Disponível em: <www.persee.fr/doc/galia_0016-4119_1986_num_44_2_2861>. Acesso em: 02 dez. 2017.

GRUMMOND, Nancy Thomson De. *Encyclopedia of the history of classical archaeology*. 1 ed. New York: Routledge, 1996. 680 p.

GUARINELLO, Norberto Luiz. *Uma morfologia da História: as formas da História Antiga..* Politeia: História e Sociologia, Vitória da Conquista, v. 3, n. 1, p. 41-61, jan./dez. 2003.

HOBBSAWM, Eric. *Nação e nacionalismo desde 1780: Programa, mito e realidade*. 2 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990. 230 p.

LE GOFF, Jacques. *Documento/Monumento*. In: *História e Memória*. 3 ed. Campinas: Unicamp, 1994.

LENORMANT, Charles. *Mémoire sur l'arc de triomphe d'Orange*. Comptes rendus des séances de l'Académie des Inscriptions et Belles-Lettres, Paris, v. 1, n. 1, p. 232-249, jan./dez. 1857. Disponível em: <https://www.persee.fr/issue/crai_0065-0536_1857_num_1_1?sectionId=crai_0065-0536_1857_num_1_1_65944>. Acesso em: 06 dez. 2017.

OLIVIER, L.. *As origens da arqueologia francesa*: In: FUNARI, P. P. A. (Org.). *Repensando o Mundo Antigo* (Coleção Textos Didáticos). 49 ed. Campinas: IFCH / Unicamp, 2005.

REINACH, Salomon. *La date de l'arc d'Orange*. Comptes rendus des séances de l'Académie des Inscriptions et Belles-Lettres, Paris, v. 53, n. 7, p. 513-518, jan. 1909. Disponível em: <www.persee.fr/doc/crai_0065-0536_1909_num_53_7_72531>. Acesso em: 02 jan. 2018.

REIS, José Carlos. *O Historicismo: A redescoberta da História*. Locus, Juiz de Fora, v. 8, n. 1, p. 1-19, jan./jun. 2002.

ROME ON ROME. *Provence de roman*. Disponível em: <<https://romeonrome.com/2016/10/provence-the-roman-province-along-the-via-agrippa/>>. Acesso em: 17 mai. 2018.

SMITH, Anthony D.. *A identidade nacional*. 1 ed. Lisboa: Gradiva Publicações, 1997.

_____. O nacionalismo e os historiadores. In: BALAKRISHNAN, Gopal. Um mapa da questão nacional. Rio de Janeiro: Contraponto, 2000, p.185-208.

SOUZA, Diógenes Marques Frazão De. *Horácio e os jogos seculares: Tradição, Religião e Política no Carmen Saeculare*. 1 ed. João Pessoa: Dissertação: Universidade Federal da Paraíba, 2013. 89 p.

STOIANI, Raquel; GARRAFFONI, Renata Senna. *Escavar o passado, (re)construir o presente: os usos simbólicos da Antiguidade clássica por Napoleão Bonaparte*. Revista de História da Arte e Arqueologia, Campinas, n. 6, p. 69-82, jan./dez. 2006.